

ÍNDICE

I. Tartarugas à vela.	11
II. A parábola do cérebro.	23
III. O hemisfério do tempo	45
IV. Bulimia de consumos, anorexia de valores	75
V. Criatividade	105
Conclusões.	127

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mulher, Graziella, por ter lido e relido este livro e me ter corrigido a linguagem e o pensamento. Agradeço também ao Daniele Malaguti por ter refletido comigo sobre os vários temas e me ter sugerido várias leituras, com paciência e amizade.

I

TARTARUGAS À VELA

Chamem-me o que quiserem, não é importante, mas também eu, como Ismael, há alguns anos, não importa quantos, tendo pouco dinheiro na carteira e nada para fazer, e encontrando-me em Florença por motivos de trabalho, decidi visitar o Salão dos Quinhentos¹; talvez me tivesse feito ao mar como Ismael se não estivesse demasiado longe e se não precisasse de horas para ir até Viareggio. Também eu, quando a melancolia me assalta e os pensamentos tristes me perseguem sem razão, me refugio no belo; e não há melhor Prozac:

¹ É evidente a imitação jocosa do famoso começo de *Moby Dick*, obra-prima de Herman Melville, traduzida em italiano por Cesare Pavese [*Moby Dick*, de Herman Melville, teve várias edições em português, a última publicada em 2017 pela editora Guerra & Paz, com tradução de Maria João Madeira.]

um museu de arte produz mais serotonina de que qualquer medicação.

Quando visito um museu, faço-o como mero espectador, sem qualquer guia — pessoal, eletrônico ou de papel — para me sugerir mais as suas preferências do que as minhas. Não tenho problemas em pagar um bilhete, já que uma das poucas vantagens da idade é a entrada nos museus com desconto ou mesmo gratuita. A oportunidade de não pagar é um convite mesquinho ao prazer com uma atratividade que não se pode descurar. Gosto de vagabundear pelos museus e deixar o olhar livre para vaguear, detendo-se onde as formas e as cores o atraem.

No Salão dos Quinhentos — com 54 metros de comprimento, 23 de largura e 18 de altura — consegue-se deambular lentamente, *ad libitum*.

Uma pessoa, primeiro, procura na sua mente pinturas que tem na memória, como *A Batalha de Cascina* ou *A Batalha de Anghiari*, revê-as, não na parede do salão onde deveriam estar, mas na sua mente, e gosta igualmente delas.

Não é verdade que os olhos sejam sempre necessários para ver. É sabido que a memória descarrega as suas imagens nas mesmas áreas do córtex visual em que a mensagem retínica o faz.

Ao vaguear pelo Salão dos Quinhentos vislumbro no teto imagens estranhas, que me surpreendem e atraem. São tartarugas com uma grande vela enfunada pelo vento sobre as suas carapaças. Há muitíssimas no

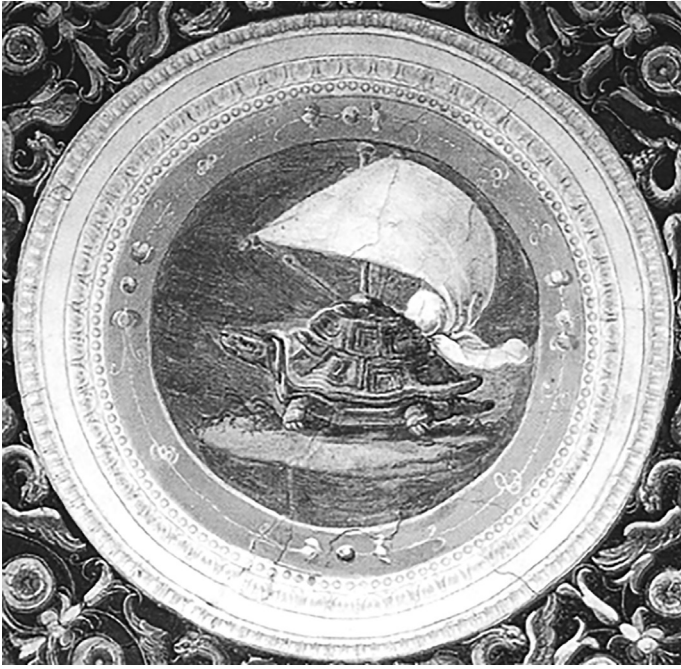


FIG. 1. Fresco de Vasari (c. 1560).

teto e nas paredes e quem as observar atentamente vislumbra também uma frase que as acompanha: *festina lente* (apressa-te lentamente).

Começo então a recordar leituras antigas: estes frescos de Vasari e dos seus aprendizes o que significarão? Mandou-os pintar Cosme I dos Médici (1519-1574) como símbolo do seu modo de agir e do seu pensamento que estão, precisamente, expressos na frase latina, atribuída ao imperador Augusto por Suetónio, mas que é um provérbio sapiencial

da época: *festina lente*. Com efeito, a tartaruga é um símbolo de lentidão, enquanto a vela enfunada pelo vento é um símbolo de velocidade.

Na navegação à vela existe a ação e, em simultâneo, a poesia da ação; «Le vent se lève!... il faut tenter de vivre!», escreve Valéry. Um conjunto de contradições, de oximoros, que, no pensamento de Cosme I, queriam significar «nas tuas ações de governo, pensa e reflete antes de agires».

Num mundo que corre vertiginosamente, com lógicas amiúde incompreensíveis, o problema da lentidão surge na mente com prepotência, como meta do pensamento e do caminho a percorrer.

Andar mais rápido não significa conhecer mais do que aquilo que o caminho oferece e ninguém quer chegar antes do tempo ao fim do seu percurso.

Fui abrandando cada vez mais o passo no Salão dos Quinhentos e a mente fugiu para velhos fragmentos de conhecimento.

A palavra latina *otium*, à letra «ócio», é contraposta à palavra *negotium*, «negócio», entendida como atividade laboral. Ainda que ao longo do tempo a palavra se tenha tornado sinónimo de preguiça, de inércia, no entanto, o ócio nem sempre foi interpretado negativamente, e está muito menos associado aos piores vícios, dos quais seria inclusivamente o pai; era, ao invés, entendido como tempo livre para a reflexão, para o estudo, para o pensamento. *Scholé*, diziam os gregos, tempo de reflexão para falar com Sócrates

e com a arte da maiêutica para fazer emergir de nós mesmos as verdades escondidas.

Se a realidade presente significa correr para metas não claras ou, até, misteriosas, escrever tweets ou sms, saber de notícias através da televisão sem sequer ter tempo de verificar se a informação é verdadeira ou manipulada, então assalta-me o desejo de voltar para trás, de percorrer o tempo em sentido inverso, fugir de uma cultura centrada na rapidez da comunicação visual e voltar ao ritmo lento da linguagem falada e escrita.

A comunicação visual tem a característica da rapidez e pode dar a sensação, mas só a sensação, de verdade: «vi com os meus olhos» ou «vi na televisão» exprimem bem esta impressão.

Esquecemo-nos de que o cérebro é uma máquina lenta e este desejo de imitar as máquinas velozes criadas por nós torna-se fonte de angústia e de frustração, uma vez que, como escrevia Goethe, a felicidade suprema do pensador é sondar o sondável e venerar em paz o insondável².

Na realidade, sabemos que, precisamente por causa da sua filogénese, o cérebro humano possui mecanismos ancestrais rápidos de resposta ao ambiente, automáticos ou quase automáticos, mas também mecanismos mais lentos, que apareceram mais tarde.

² Citação do livro *Massime e riflessioni*, de J. W. Goethe. [Na tradução portuguesa, *Máximas e Reflexões*, de J. W. Goethe, Guimarães Editores, 1987].